

## 5

### Conclusão

Nada pode ser apreendido em sua perfeição e sua totalidade; (...) A pintura do mundo sempre é inexata. Não passa, de resto, de uma pintura de escritor... (...) Tenho eu porventura o poder de exprimir a verdadeira realidade?

Virginia Woolf

O objeto de estudo da dissertação constituiu-se numa leitura do romance *O Delfim* de José Cardoso Pires que evidenciasse os expedientes formais utilizados pelo escritor para desvelar a realidade sócio-política do seu país em um momento de transição, durante a conturbada década de sessenta.

Procuramos analisar a maneira singular como o escritor José Cardoso Pires lida com a relação entre a ficção e a realidade nesse romance. Nessa direção, levando-se em conta a Estética da Recepção de Wolfgang Iser, tentamos entender como os efeitos do imaginário e a mediação do ato da leitura se interpõem tanto no processo do texto ficcional quanto no fundamento da realidade. Podemos pensar que o texto ficcional de Cardoso Pires é pertinente com essa análise.

Percebemos na leitura da obra de José Cardoso Pires o assumir constante de uma contundente postura contrária ao discurso hegemônico da ditadura do Estado Novo português, como um trabalho de resistência desmistificadora das imagens consagradas pelo regime salazarista. É notória a preocupação do escritor português em estabelecer no seu texto ficcional uma visão da estrutura sócio-política de Portugal. Para Cardoso Pires, este é o papel que cabe ao intelectual e ao escritor: participar da realidade histórica de seu país e do mundo em que vive.

O próprio trabalho de um romancista, com todas as suas obsessões particulares, todas as suas tentativas de expressão e toda a sua temática subconsciente, não é mais do que uma busca de identidade. Ao fim e ao cabo de tudo o que procura é encontrar a sua identificação com a trajetória do país ou da comunidade a que pertence.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada por Maria Fernanda de Abreu, publicada no Suplemento “Culturas” do jornal *Diário 16*, de 20/07/1991.

Convém precisar que *O Delfim*, aqui analisado, trouxe uma renovação profunda e fundamental ao romance português, no que diz respeito à dimensão da forma, da textualização do romance e da mudança no contexto político e social. Do ponto de vista ideológico, a ruptura realizada no plano da diegese no romance é concretizada pela socialização do espaço da lagoa, que pertencia até essa data aos Palma Bravo. Com isso, o romance aponta para o despertar de um tempo novo, saudado com uma festa, a festa do arraial dos Noventa e Oito, que celebra a temporada de caça na lagoa da Gafeira, agora autorizada pela cooperativa formada por um grupo de noventa e oito moradores do lugarejo.

É importante acrescentar que, mesmo se afastando dos pressupostos que particularizam o movimento neo-realista, o romance não abandona a preocupação com as questões da sociedade portuguesa da época. Todavia, pode-se perceber que no romance de José Cardoso Pires acontece um encontro perfeito entre a forma da expressão ou “gestos de escrita” e o conteúdo ou “escrita do mundo” que ultrapassa os procedimentos dos textos da tradição.

Os diversos planos da especular narrativa cardosiana potencializam possibilidades de relacionamento entre a realidade e o mundo do texto ficcional, cabendo ao leitor, através de suas projeções representativas, ocupar os “vazios” da estrutura desse espaço textual. Como já citado anteriormente, o narrador do romance estaria mais interessado na suspensão do fato do que na sua decifração. No plano da diegese, esta não decifração do fato, ou do crime, pode sugerir o contexto político de Portugal da época em que o livro foi escrito, no caso, metaforizado pelo monopólio do morgadio dos Palma Bravo. Desse modo, como observa Tatiana Caldas, o mistério da morte da Maria das Mercês e do criado, que não é jamais elucidado, aponta para o estabelecimento de uma versão oficial que deve ser mantida, ainda que indícios apontem caminhos bem distintos.<sup>2</sup> De acordo com essa linha de raciocínio, retornamos a uma das questões fundamentais presente nas obras de José Cardoso Pires, que é a de o autor procurar expor a inevitável contradição e parcialidade do discurso estatal nos anos salazaristas de censura e medo.

---

<sup>2</sup> Cf. CALDAS, Tatiana Alves Soares. “O Delfim, a libertação da escrita como vislumbre da revolução.” Disponível em <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno07-09.html> - 158k, p. 2.

Nesse sentido, o recorte do trecho abaixo de Eduardo Lourenço demarca a posição de Cardoso Pires no panorama das letras em Portugal, delineando “os traços que singularizam a produção literária do autor e a sua inserção na vida cultural e política de Portugal”<sup>3</sup>:

Homem, nem de certezas nem de incertezas, nem olímpico, nem angustiado, Cardoso Pires investiu-se, como uma espécie de predestinação, no papel de detetive por conta própria, apostado na descoberta de enigmas ou crimes, secularmente sepultados, sob o espesso silêncio português, raiz e matriz do tempo sonâmbulo (a frase é dele) que lhe coube viver. Viver e reviver em contos e romances inseparavelmente realistas e alegóricos, onde em quem os ler respirará um pouco aquele ar refeito de um passado português que foi o da sua geração e, eminentemente, o seu.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> MARGATO, Izabel, “José Cardoso Pires: uma visão do mundo para lá do real imediato.” In: *Convergência Lusíada*, nº 16 – 1999, p. 141.

<sup>4</sup> LOURENÇO, Eduardo. In *Público*, 27/10/1998.